

**“O ENSINO RURAL”
(Como iniciá-lo nas Escolas Normais)**

Benedicto de Assis

Apresentação de
Jaqueline Daniela Basso
UFSCar
jdbassoufscar@hotmail.com

Neste texto, ao relatar sua experiência na Escola Normal Livre de Tietê, interior do Estado de São Paulo, o professor, que também se apresenta como agricultor, Benedicto de Assis, não só conta como aconteciam as aulas práticas da lida com a terra, mas tece uma rica descrição e contextualização econômica e política daquela época, os anos de 1931 e 1932. O documento evidencia o debate ruralista presente naquele período, impulsionado no Estado de São Paulo por Sud Menucci, mostrando que a educação escolar era vista como ferramenta capaz de manter o homem no campo e ensiná-lo a cultivar racionalmente a terra, o que evitaria crises, como a do café.

Entretanto, não seria a educação urbana a ferramenta que possibilitaria tais tarefas, era necessária uma educação especializada para o campo, ministrada por mestres peritos nas questões rurais e que estivessem alinhados aos modernos preceitos de Dewey, que romperiam com o modelo educacional tradicional. A influência escolanovista era percebida nas aulas à medida que a realidade dos canteiros era o fio condutor do trabalho pedagógico nas diversas áreas. Assim, os alunos, trabalhando em atividades agrícolas no próprio campo, formariam a mentalidade rural desejada pelos ruralistas pedagógicos e que faria florescer uma elite rural, não subordinada à vida urbana.

Os mestres especialistas na vida e trabalho rurais seriam formados nas Escolas Normais Rurais, almejadas por Sud Menucci e também por políticos, porém, a falta de investimentos fez com que em seu lugar surgissem cursos como o ministrado pelo professor Benedicto de Assis em Tietê, que visavam a formação do professor para o campo, nas Escolas Normais já existentes.

O professor e militante ruralista termina seu relato fazendo um apelo aos professores paulistas para que com boa vontade fizessem o possível para que, mesmo sem os recursos necessários, fossem cultivados os mestres necessários para a formação da mentalidade rural, necessária para o fortalecimento produtivo do Brasil.

Documento
“O ENSINO RURAL”
(Como iniciá-lo nas Escolas Normais)

Publicado na Revista de Educação- Órgão do Departamento de Educação do Estado de São Paulo. vol. I, març. 1933. São Paulo: Tipografia Gabraux. p.117- 127.

Benedicto de Assis

Embora todas as administrações paulistas tenham se esmerado em dar ao Estado de São Paulo um aparelhamento escolar capaz de, junto com a capacidade dos seus mestres, produzir cidadão aptos a viver com eficiência na sociedade, foi sempre descurado o fim a atingir nos diversos meios em que vive o aluno.

Segundo J. Dubois a educação consiste em atender aos seguintes elementos: o aluno e o educador, o meio e o fim que se resumem, em última análise, no educador e no fim. Êste, por fim, se divide em três problemas: o do ideal, do programa e do método (fls. 358- <<Le problème pedagogique>>- J. Dubois).

O problema do educador, embora deixe ainda a desejar, a sua solução vai sendo sempre procurada na melhor formação dos nossos mestres, que os temos de valor, pelos conhecimentos científicos que lhes são ministrados, faltando-lhes, no entanto, ainda, uma base filosófica necessária a toda formação científica.

Já está, porém, essa necessidade, na conciencia dos responsáveis pelas cousas do ensino e dentro de algum tempo o Curso de Aperfeiçoamento, embrião da futura Escola Normal Superior, fornecerá (já saiu a 1ª turma), mestres na verdadeira acepção do termo.

Quanto ao fim, o programa e o método não teem sido descurados. O programa, num mínimo fornecido oficialmente, é acrescido do desenvolvimento, peculiar á zona em que está a escola. O método, variando de professor a professor, depende de sua maior ou menor capacidade. Já se ensaiam, porém, métodos científicos, baseados no conhecimento de psicologia infantil, da biologia, da sociologia, isto é, no conhecimento da criança, como queria Rosseau.

Resta o ideal. O ideal a atingir pela escola é, a meu ver, o máximo problema que se apresenta à solução.

O ideal da escola tradicional, e que perdura ainda na maioria das nossas escolas, era ensinar a ler, escrever, e contar e umas tintas de história pátria e de corografia do Brasil.

Ideal tão estreito que, para a sua consecução, não exigia mestres preparados. E qualquer indivíduo, fracassado em outros misteres, ia ser mestre- escola.

Desconhecendo por completo o material com que ia trabalhar, sem uma noção da responsabilidade que lhe cabia como formador de mentalidades, quantos prejuizos não causaram esses inconcientes na formação das diversas gerações que passaram por suas mãos!?

Tenho, para mim, que o fato de o nosso povo ser constituído de indivíduos sem iniciativa própria, incapazes de lutar pela vida com os recursos proprios e viverem sempre voltados para os políticos na ânsia de verem os seus amigos empoleirados, os quais lhes darão bons empregos, sinecuras rendosas, é motivado pela ação da escola- cerceadora da liberdade, destruidora do caráter, inimiga das iniciativas do aluno.

Hoje, porém, já se repele esta nefasta ação.

E os horizontes se alargam, e o ideal se expande.

O fim precípua da escola é educar. A instrução como meio, a educação como fim.

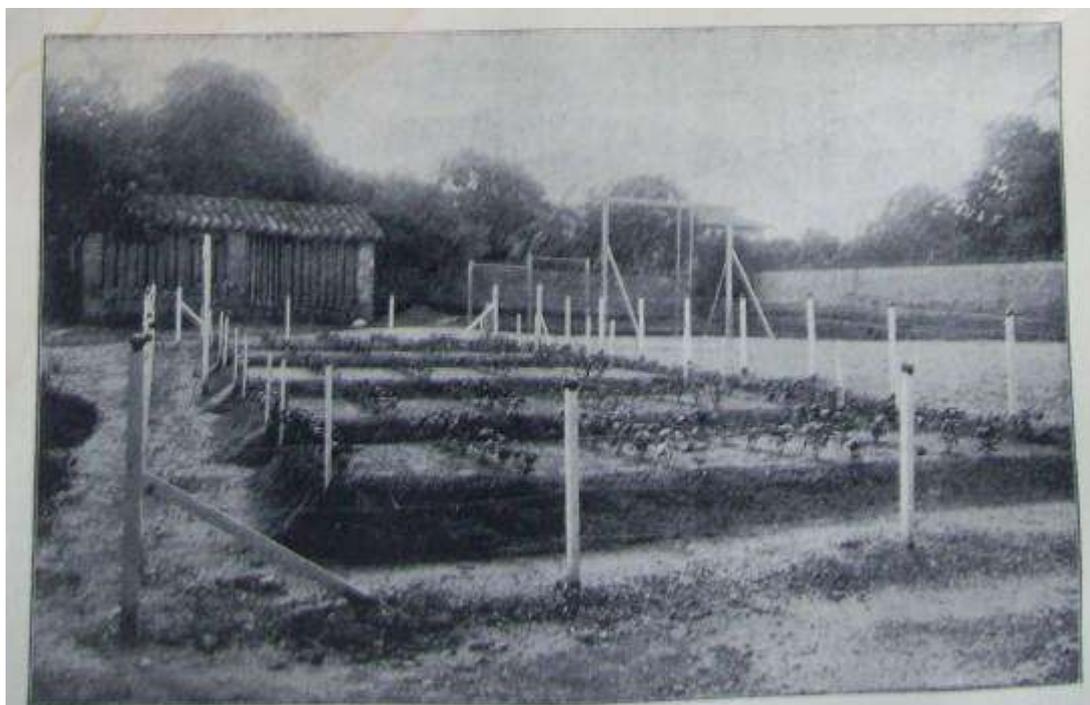
Preparar o indivíduo para atingir a perfeição possível é o fim da educação. Para êsse fim, porém, os meios são variáveis e complexos.

Educar para a vida e pela vida, dentro da vida, segundo Dewey.

É assim que a vida, variando de lugar para lugar, exige que o fim de educação também varie e o ideal para um determinado povo, numa dada época e num certo lugar, não é o mesmo para um povo diferente em época e terras diversas.

O fim a atingir pela escola, nas aglomerações urbanas, não é o mesmo nas populações rurais.

Estas, precisam conhecer o seu meio, dêle tirar proventos, não só para a sua subsistência como também para a alegria do espírito, <<não é só de pão que vive o homem>>; é preciso, em suam, que o meio rural agrade o homem de modo que ele não se sinta atraído pela cidade onde iria engrossar as fileiras dos <<sem trabalho>>.



Fonte: Revista de Educação. vol. I, març. 1933. p. 121.

Com métodos racionais a terra lhe proporcionará méis de viver com conforto, de não lhe faltar a menos coisa que exija a vida. Viverá sem atribulações e sem preocupação pelo dia de amanhã. Os filhos não pensarão senão em continuar a vida dos pais e uma elite rural aparecerá e os campos se povoarão.

O ideal não será mais o de poder morar na cidade, mas sim o de se fixar no solo.

O povo quer pão e divertimento, como psicologicamente compreendiam os Césares romanos e a nossa zona rural, mal dá o pão de cada dia.

Como conseguir isso, porém?

Pela escola, com o fim de criar uma nova mentalidade- a mentalidade rural, como se poderia chamar.

Antes, porém, é preciso formar a mentalidade do mestre, pois não se compreende a escola sem mestre, e da mentalidade deste é que depende a dos que vai formar.

Como formar a mentalidade rural do mestre?

É o que se cogita entre as mais altas autoridades escolares, de tempos a esta parte.

O Prof. SUD MENUCCI chegou mesmo a elaborar um grande plano para a formação do educador rural e o DR. FERNADO DE AZEVEDO, atual Diretor do Departamento de Educação, mostra-se também, partidário da criação das Escolas Normais Rurais.

Nós, com a dupla qualidade de ex- lavrador e de educador, conhecedor das necessidades das nossas zonas rurais, necessidades essas só possíveis de serem remediadas com a educação especializada, vamos dizer assim, dos moradores do nosso <<hinterland>>, não poderíamos deixar de concorrer para essa transformação que reclama a realidade do meio brasileiro – formação de uma consciência rural.

E tendo sido sempre homem de ação (de fato, sabemos mais fazer que falar ou escrever), apresentamos á Diretoria da Escola Normal Livre de Tietê, da qual éramos professor- fiscal, a idéa de se fazer, no pateo de recreo da própria escola, um campo experimental onde fosse feita a plantação do produto ou produtos dominantes na zona.

Com o auxilio, cheio de entusiasmo, do Diretor da Escola e do Prefeito Municipal e a coadjuvação científica do Diretor da Sub- Estação Experimental de Algodão, da localidade, empreendemos uma plantação de algodão com os alunos do 3.º e 4.º graus da Escola de Aplicação anexa áquela Escola, e a assistência dos alunos normalistas do 3.º ano (ainda não havia 4.º ano em 1931).

A formação dos canteiros foi feita por empregados da Prefeitura em 2 ou 3 dias de trabalhos.

Em aulas modelo dadas por mim, com a assistência dos alunos normalistas, foi feita:

- 1.ª-- **A seleção das Sementes** -- Sua necessidade, suas vantagens, exemplos concretos para provar a utilidade da seleção, qualidades aconselhadas: Texas Big-Boll, etc.
- 2.º -- **Época do plantio** -- Porque ha uma época, apropriada, porque se deve plantar em novembro ou começos de dezembro e não em setembro como querem alguns agricultores, desvantagens do plantio adiantado assim como do atrasado.
- 3.º-- **Expurgo das Sementes** – Pelo sulfureto de carbono em câmaras, pela água quente; porque o expurgo, leis existentes nesse sentido.
- 4.º -- **Adubação do terreno** – Porque se aduba, como se aduba. Foram feitos em Tietê 5 canteiros – 1 sem adubo, 1 só com azoto, 1 com azoto e fosfato, 1 com azoto, fosfato e potássio, 1 com azoto, fosfato, potássio e enxofre, na proporção de 300 e poucas grammas em 24 metros quadrados que era a dimensão de cada canteiro.
- 5.º -- **Plantação** -- Distância entre as covas, alinhamento, número de sementes, profundidade de cada cova.
- 6.º -- Na ocasião oportuna **Carpa** para a extinção de ervas daninhas, necessidade de carpa, porque acabar com as ervas más.
- 7.º -- **Escarificação do solo** – O que significa, porque escarificar.
- 8.º -- **Rareação das plantas** – Porque rarear, como rarear, quantas plantas devem ficar e quais as que devem ser arrancadas.
- 9.º -- **Capação** – O que significa essa operação, como fazê-la, necessidade.

10.º -- Vigilância – Quanto ao coruquerê, pois havia notícia do aparecimento dessa praga em algodoais do município. Infelizmente não apareceu e fomos obrigados a dar uma aula sobre isso, mas teóricamente, ensinando quais as pragas que infestam o algodoeiro e como combatê-las: coruquerê, lagarta rosada, antrainose e bróca da raiz.

11.º -- Outra carpa e acúmulo de terra nas plantas, sua significação e como fazer.

12.º -- aparecimento das primeiras maçãs, como eram produzidas, as flôres, algumas pragas de pouco valor mas que concorrem para o estrago e mesmo perda do fruto. Apareceram algumas lagartas rosadas que tivemos ocasião de mostrar aos alunos, explicando como se alimentavam, como se reproduziam e porque se chamavam <<rosadas>>.

Quando já se abriam as maçãs deixando ver lindos capulhos (abril de 1932) fomos removido, não podendo, portanto, continuar as aulas. Mas o plano traçado e confiado á assistente da 9.ª cadeira, de então, consistia na colheita, na qual seria aconselhada a apanha em separado dos carimans para não estragar o tipo do algodão sem defeito; colher no pano ou no cesto para não cair no chão; arrancamento e pesagem dos ramos que, junto com a pesagem do algodão colhido em cada canteiro, daria a produção nesses espaços de terreno, resultado maior ou menor vantagem dêste ou daquele adubo (si mais conveniente para aquela terra o adubo com 1, 2, 3 ou 4 elementos.) Em seguida, verificação por parte dos alunos, do preço no mercado do dia e conseqüente oferecimento de venda á fábrica local.

Tenho notícias que a digna assistente assim o fez, tendo repartido a quantia resultante da venda, 1 parte entre os alunos e uma parte foi dada á Caixa Escolar do estabelecimento.

As diversas etapas por que passou o algodoal foram tomadas como centros de interêsses em tôrno dos quais foram dadas aulas de todas as matérias do currículo escolar: **Aritmética** – medições, as quatro operações em problemas que apareciam naturalmente como, por exemplo: Si em um canteiro de 24 ms². Foram colocadas 300 gramas, de adubo, quanto precisaria para o terreno de 1 alqueire paulista (500 br²). Transformação das 500 br² em mts².

Se em 24 mts², cabem 42 covas, quantas covas teremos num alqueire, etc., etc.

Geometria – Forma dos canteiros, traçando uma linha de um canto a outro, que figura nos mostra o canteiro etc. **Linguagem** (escrita) Composições cartas, etc. Sobre o algodoeiro. **Linguagem** (oral) Palestras sobre o algodão, a planta, etc. **História** – História das regiões do Brasil onde o algodoeiro mais se desenvolve. **Geografia** – Estudo dessas regiões. **Noções comuns** – regimen de chuvas, evaporação, estudo da raiz, caule, fôlhas, flores, frutos, o sulfureto de carbono, o verde- paris; composição dos adubos, circulação da seiva, o não desperdício da seiva (capação) etc., etc.

Na colheita, já dirigida pelo meu substituto, a digna assistente, sei-o por notícia, encarregou o aluno mais fraco em cálculo para administrador da colheita e o mais fraco em linguagem foi designado para escrever ao gerente da fábrica de tecidos, local, oferecendo o produto da colheita.

Levou os alunos á uma máquina de descaroçar algodão, mostrou a utilidade do caroço, óleo, torta, etc.

Levou-os, depois, á fábrica de tecidos para verem a fabricação dos tecidos, tendo tido, antes da venda do algodão, o cuidado de medir a fibra (29 mm.) mostrando a

vantagem dessa dimensão sobre as mais curtas e a possibilidade de aumento no comprimento.

Os pequenos futuros lavradores <<viram>>, não <<ouviram>>, como se faz a cultura racional do OURO BRANCO e, naturalmente foram influir no animo dos seus pais que, alguns, ainda, procuram matar a praga com benzeduras, simpatias, etc., outros renegam, achando desnecessária, a seleção; colhem capulhos bons com misturas de carimãs, etc., etc.

Tudo isso foi feito com pouca despesa, sem alarde e com muito proveito.

Para provar a necessidade da rotação do plantio, foi feita, logo após a colheita do algodão, a cultura de uma planta de inverno, o trigo. Deveria ser plantado, depois, o arrô. Assim a terra não se cansaria.

Isto pode-se fazer em qualquer Escola Normal com, relativamente, pequena despesa, mas onde haja grande dóse de boa vontade.

O ideal seria o aparelhamento pensado pelo Prof. SUD MENUCCI mas... e o dinheiro?

Como fizemos em Tietê, começámos a obra que já devia ser empreendida ha mais tempo. Quem não pode o muito faz o pouco. Êsse pouco feito ha bastante tempo, talvez tivesse evitado a necessaria campanha que hoje se faz para a cultura racional do cafeeiro, a melhoria do seu tipo, etc.

E, quem sabe, não estaríamos em situação muito mais vantajosa diante dos nossos concurrentes no mercado mundial?!... Queima-se café, abandonam-se fazendas, lança-se mão de remedios radicais para salvar a riqueza nacional.

E, no entanto, o conselho do mestre-escola, especializado nos conhecimentos de agricultura racional evitaria essa derrocada, que parece fatal.

Se tal acontecer com o café (ainda creio na capacidade do nosso povo) que nos sirva de exemplo para racionalizarmos as outras culturas.

Não esperemos, porém, a possibilidade de aparelhamentos custosos. O tempo urge.

Principiemos do começo, se assim se pode dizer, e depois aperfeiçoaremos á medida das possibilidades até atingirmos o melhor.

Antes pouco do que nada.

O pouco pode transformar-se em muito e mesmo que não se transforme é alguma cousa.

O nada é sempre nada por mais que o multipliquemos.

Eia, colegas que me lêdes. Auxiliemos os poderes públicos com a nossa boa vontade, origem das iniciativas.

Nisto é que, ao meu ver, consiste o patriotismo sadio que temos, como educadores, de praticar e de prégar.

Praticando, oferecemos exemplo, prègando... havemos de ser ouvidos.

CLAMA, NE CESSSES.